



IMPLICAÇÕES DO PROCESSO IDENTITÁRIO NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR NA PERSPECTIVA DE DURKHEIM

Silva, Marco Aurélio da ¹; Kayser, Aristéia Mariane ²

Palavras-Chave: Educador, pedagogia, problematização

INTRODUÇÃO

De acordo com (Dussel, p. 19. 2003) “a palavra pedagogia compartilha sua raiz – ped - pé, aquele que anda a pé - com a palavra pedante, que é”aquele que se diz sábio”, aquele que pretende ser erudito.” Essa ambigüidade,segundo a autora , fica bem definida num escrito de 1888: “um bom professor Gales, um bom estudioso, porém muito pedagógico.” Logo ser “pedagógico” desde aqueles tempos não era sinônimo de algo muito bom, então.

Buscando a análise de (Durkheim,p.51.1985) “a educação é ação exercida por determinada geração sobre as gerações seguintes.” Quem excede nisso, desenvolve uma arte:a arte do educar, a arte do educador. Uma arte – diz Durkheim- “é um sistema de modos de fazer, que são ajustados para fins especiais e são o produto, seja de uma experiência tradicional, comunicada pela educação, seja da experiência pessoal do indivíduo” (1985,p.79) . A arte depende, portanto; da prática, da ação, e não da teoria dessa ação.De qualquer maneira, a arte empreende, a rigor, uma reflexão em ação, mas não uma reflexão sobre a ação.

A pedagogia pode ser entendida, dessa forma, como reflexão da ação educativa.Não é mais uma prática, mas uma teoria.Não é mais uma maneira de praticar a educação, mas sim de concebê-la. Ela encarrega-se do ensinar e do educar. O “ser pedagógico”, nesse sentido, é tudo aquilo que possibilita ou auxilia o modo de se aprender algo ou alguma coisa.

Nesse sentido, encontramos diversas formas de se ensinar algo, de forma pedagógica, como sinônimo de coisa satisfatória. Eu ensino de forma pedagogicamente correta – diz o professor - como se imprimisse no ato pedagógico o cerne de amplitude necessária, para o bom entendimento de determinada coisa. O pedagógico como algo que normatiza a prática.

A escola e os processos de escolarização, contribuem para a matriz do pedagógico. Desde Comenius, um dos mais importantes educadores do mundo ocidental e sua Didática Magna (séc.XVI) – onde deve se ensinar tudo a todos - a escolarização tornou-se não somente importante, mas fundamental, para considerarmos um processo educativo, seja ele qual for, eficaz.

¹ Mestrando em Ciências Sociais (UFSM): E-mail: marcoaurelio22000@yahoo.com.br,

² Pós Graduação em Educação Ambiental – UFSM: E-mail: amarianekayser@yahoo.com.br



O certo é que, de uma forma ou outra, passamos pela escola, seja enquanto alunos ou enquanto professores e somos tiranizados pelo pedagógico. E me atrevo a usar o termo tirania, entendendo-o como um processo caracterizado por ameaça as liberdades individuais e coletivas. Ora, mas a que me refiro, quando a adesão ao pedagógico não só é permitida, mas consentida pelos sujeitos, que não só a aderem, mas a tornam natural?

O sistema educacional se rende todos os dias ao exercício da docência que, de forma voluntária e consentida, se molda a uma experiência de pertencimento que gerará, com o tempo, toda a profusão possível de ressentimentos, que o próprio grupo estabelece, como sendo parte do ideário docente. Portanto, há uma necessidade por parte do professor de se auto afirmar perante seus alunos.

Geralmente é desta forma que também o pedagógico se estabelece. De forma sutil porém impositora. Parece-nos existir sim um paradoxo nesse processo. De um lado, o pedagógico como forma que respalda as ações educativas, sejam elas quais forem, e de outro, como um formalismo tirano e anti-democrático, sob o ponto de vista de quem é capturado por ele, como forma única de prática educativa, seja ela qual for.

Da mesma maneira, que ele se constitui nos métodos que aplicamos, nas formas de coerção, nas avaliações, planejamentos, normas e regras de um comportamento único e institucionalizado, da formação de professores a maledicência da profissão, o pedagógico permanece inserido como um “príncipe”, que encanta, mas que, como “príncipe” também tiraniza apesar das promessas de prosperidade e salvação.

Este fenômeno indentificamos também no âmbito escolar quando os pais e a comunidade local concede ao docente/professor um certo poder sobre os seus açunos/educandos. Parece-me, que a questão é como professores, estamos assumindo um tipo de discurso de servidão. O que se constata é que estamos enquanto professores nos submetendo, nos sujeitando as condições e suportando as indignidades com indiferencia.

Pois, há pluralidade de tendências pedagógicas como paradigmas mergencial estas forntalecem o poder de percuasão do professor sobre seu alunado. Sem querer generalizar percebe-se, existir sim uma preocupação em diminuir a disparidade existente entre as diversas propostas pedagógicas, com objetivo claro de implantação de objetivos mínimos comuns entre as propostas pedagógicas e as práticas dos professores em sala de aula. Todavia, acredita-se que estas propostas devam ser feitas por especialistas da área de educação.

Uma questão muito importante nesta proposta pedagógica é a participação da comunidade escolar e de todos os autores sociais, não podemos simplesmente transferir a responsabilidade educacional sobre nossos filhos como sendo algo unicamente de



responsabilidade do professor ³.

Um trabalho interdisciplinar, multidisciplinar e transversal entre as áreas afins, poderá contribuir muito para uma educação humanizadora.

CONCLUSÃO

Sabemos da importância de uma proposta pedagógica humanizadora, mas também sabemos a complexidade desta proposta. No entanto, remetemos-nos a proposta de Paulo Freire: Codificação – Problematização – Descodificação; diálogicidade; horizontalidade, transversalmente ⁴.

Nesta perspectiva, o diálogo é necessariamente entendido como “problematização do próprio conhecimento e sua indiscutível relação com a realidade concreta, na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la” (FREIRE, p. 52.1977). O conhecimento não é algo dado, não é acabado, mas sim uma construção que se dá a partir da intervenção na realidade social, a partir do diálogo com o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977 (12^a. Edição: 2002).

DURKHEIM, Émile. **Éducation et Sociologie.** Os Pensadores. São Paulo. Abril: Cultural, 1985.

DUSSEL, Inés. **A invenção da sala de aula. Uma genealogia das formas de ensinar.** Tradução de Cristina Antunes. 2003. Editora Moderna. São Paulo.

ZILBERMAN Regina & LAJOLO Marisa. **A formação da leitura no Brasil** (Editora Ática, 1985).

³ A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, pois, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância: e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante (ZILBERMAN & LAJOLO, p.25.1985).

⁴ [...] um a presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. (FREIRE, p. 27.1977).